

BLOG TUDO SALA DE AULA

Texto II

Fada feiticeira

	Geralda	
	É uma fada cozinheira	
	Que quando entra na cozinha	
	Até parece feiticeira.	1ª) Os versos 17 a 24, construídos por meio de verbos, expressam
5	É que seus molhos são pecados	
	As suas massas são feitiços	(A) os passos a serem seguidos por aqueles que desejam cozinhar bem.
	As suas carnes são caprichos	
	Quitutes da mãe brasileira.	
	Seus doces	(B) os desejos das pessoas ao sentirem o perfume da sobremesa de Geralda.
10	Seus bons-bocados, seus quindins	
	Suas pamonhas, seus bombons	
	Suas paçocas, seus pudins.	(C) as atitudes adotadas pela fada feiticeira ao preparar seus feitiços.
	Quando ela faz a sobremesa	
	É sempre o prato mais gostoso	
15	Vem um perfume saboroso	(D) as instruções para preparação dos quitutes da mãe brasileira.
	Que todo mundo vai querer	
	Pegar	
	Sentir	
	Mexer	
	Cheirar	
	Provar	
25	Lamber	
	Morder	
	Comer	

Ricardo Azevedo. *A casa do meu avô*.
São Paulo: Ática, 2003.

Receita de espantar a tristeza

Faça uma careta	2ª) Os versos do poema que expressam o significado da expressão “espantar a tristeza”, presente no título do texto, é
E mande a tristeza	
Pra longe, pro outro lado	(A) “Vá para o meio da rua
Do mar ou da lua	E plante bananeira”
Vá para o meio da rua	(B) “Depois estique os braços
E plante bananeira	Apanhe a primeira estrela”
Faça alguma besteira	
	(C) “E mande a tristeza
Depois estique os braços	Pra longe, pro outro lado”
Apanhe a primeira estrela	
E procure o melhor amigo	(D) “E procure o melhor amigo
	Para um longo e apertado abraço”
Para um longo e apertado abraço	

Roseana Murray. *Receitas de olhar*.

Terra seca

Ary Barroso

O nêgo tá, moiado de suó

Trabáia, trabáia, nêgo / Trabáia, trabáia nêgo (refrão)

As mãos do nêgo tá que é calo só

Trabáia, trabáia nêgo

Ai "meu sinhô" nêgo tá véio

Não aguenta essa terra tão dura, tão seca, poeirenta...

O nêgo pede licença prá falá

O nêgo não pode mais trabaiá

Quando o nêgo chegou por aqui

Era mais vivo e ligeiro que o saci

Varava estes rios, estas matas, estes campos sem fim

Nêgo era moço, e a vida, um brinquedo prá mim

Mas o tempo passou

Essa terra secou ...ô ô

A velhice chegou e o brinquedo quebrou

Sinhô, nêgo véio tem pena de ter-se acabado

Sinhô, nêgo véio carrega este corpo cansado

3ª) O traço da linguagem informal utilizada pelos escravos está indicado no seguinte trecho:

(A) "Não aguenta esta terra tão dura, tão seca, poeirenta..."

(B) "O nêgo não pode mais trabaiá."

(C) "Era mais vivo e ligeiro do que o saci."

(D) "estes campos sem fim".

cifrantiga3.blogspot.com/2006/05/terra-seca.html

TEXTO I

TEXTO II

Profundamente
(Manuel Bandeira)

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões

– Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente [...]

Hoje não ouço mais as vozes daquele
tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
– Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente

São João
(Rodrigues Pinagé)

Minha fogueira de lenha seca,
Na rua, à frente de meu portão.
De um lado um monte de gravetinhos
Feitos à mão.

Desde as seis horas, estou soprando,
Sempre abanando...sempre abanando...

Não ardes!... Não!...

Um meu vizinho cortou mangueira;
Com galhos grossos fez a fogueira
De lenha verde, no mesmo chão.
Olha! Que chamas! Que labaredas!

Minha fogueira de lenha seca...
Que escuridão!

Quando o vizinho fez a fogueira,
A noite estava tão ventilada![...]

Minha fogueira tão apagada!

Nem uma aragem passa, na estrada,
Para a subida do meu balão!
E eu penso devagarinho:
– Será o mesmo São João,
Esse São João do meu vizinho?

4ª) O texto I difere do texto II na abordagem da

- (A) constatação da ausência de fogueiras juninas nas festas modernas.
- (B) exaltação da dor pela morte dos entes queridos.
- (C) expressão de beleza os balões de antigamente.
- (D) relação de fraternidade existente entre as pessoas.

O MITO DO AUTOMÓVEL

O automóvel é o símbolo máximo das sociedades modernas. A demanda de automóveis teve um aumento tão rápido que em apenas algumas décadas transformou a indústria automobilística num dos motores da economia de mercado. Mas isso ocorreu porque os carros satisfazem inúmeras necessidades, anseios e fantasias dos homens e das mulheres de hoje – em especial o sonho da liberdade de movimentos. Qual será o futuro desse fruto do casamento do sonho com a técnica? Não corremos talvez o risco de ver nossa liberdade de possuir um carro vir a transformar-se em escravidão a esse mesmo carro?

(O Correio da Unesco. Fundação Getúlio Vargas.)

5ª) Encontramos registro de opinião, no texto, em:

- (A) “O automóvel é o símbolo máximo das sociedades modernas.”
- (B) “Mas isso ocorreu porque os carros satisfazem inúmeras necessidades...”
- (C) “Qual será o futuro desse fruto do casamento do sonho com a técnica?”
- (D) “...corremos talvez o risco de ver nossa liberdade de possuir um carro vir a transformar-se em escravidão...”